

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



VICTÓRIA SARNO MONTEIRO FERNANDES

ARÁBIA SAUDITA E SEU JOGO DE PODER:

A expansão do Soft Power saudita por meio de ideais religiosos e suas consequências em relação ao terrorismo

Orientador: Conor Foley

Rio de Janeiro
2020.1

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



VICTÓRIA SARNO MONTEIRO FERNANDES

ARÁBIA SAUDITA E SEU JOGO DE PODER:

A expansão do Soft Power saudita por meio de ideais religiosos e suas consequências em relação ao terrorismo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais

Orientador: Conor Foley

Rio de Janeiro
2020.1

“...a única diferença entre conservadores e liberais é que uns vão à missa das oito e os outros na das cinco...”

Gabriel García Márquez

AGRADECIMENTOS

Sempre que me pegava pensando em o que escrever nessa seção elencava vários possíveis assuntos, reflexões e frases ditas por pessoas notáveis. No entanto, quando chegou esse meu momento opto aqui por me ater ao simples e fundamental: as pessoas. Não podemos negar que a vida é feita de encontros e desencontros, quem somos é constituído diretamente através das pessoas que temos contatos e relações. Não posso ser mais grata por poder ter as relações que tenho. Não posso medir em palavras como sou feliz em ter nascido filha de meus pais, de ter as famílias friburguenses e cariocas que tenho, cursar a Universidade que cursei e fazer parte dos grupos que faço.

Cada nome, para mim, não precisa de descrição pois já contém todas as recordações, carinho e parte formadora do meu eu atual que aqui escreve. Cada nome já é em si uma declaração de amor, importância e admiração.

Cada nome já diz tudo. Aqui vão eles:

Juca	Carla	Aparecida	Marcelo Salomão
Nicolas	Luciana	Marina Lopes	Lelena
Suze	Conrado	Paloma	Marcelo Cappucci
Beto	Isadora Amaral	Mieka	Márcio Scalercio
Sophia	Gabriela Coelho	Elias	Sérgio Veloso
Carol	Maria Nathália	Julia	Paula Sandrin
Isabela	José Mauro	Celina	Mariana Luz
Cícero	Fernando Lefevre	Hellen	Maria Olival
Vicente	Lucas Carvalho	Vinícius	Igor Carvalho
Germano	Flora	Fernanda	Eloá
Lucas Ferreira	William	Pedro Terra	Silvia
João Henrique	Plínio	Gabriela Lopes	Carlinhos
Manuela	João Pedro	Matheus	

Meu mais sincero obrigada

SUMÁRIO

RESUMO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. MARCO TEÓRICO DA ANÁLISE.....	9
2.1. Poder nas principais teorias realistas de Relações Internacionais.....	9
2.2. Liberalismo de Keohane.....	10
2.3. O marco teórico:Soft Power.....	11
3. O ISLÃ SUNITA E O WAHABISMO.....	13
3.1. O Islamismo.....	13
3.2. O Wahabismo e a monarquia Saud.....	15
4. ARÁBIA SAUDITA E O SEU JOGO DE PODER.....	17
5. RELAÇÃO ESTADOS UNIDOS E ARÁBIA SAUDITA.....	19
6. ESTUDO DE CASO DO CONFLITO DA NIGÉRIA.....	23
6.1. O Islã e o fundamentalismo na África.....	23
6.2. Boko Haram: origem, prática e impactos.....	24
6.3. Cenário atual do país e sua resposta ao terrorismo.....	28
7. CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

RESUMO:

A dinâmica de poder que permeia as relações estatais é uma questão muito interessante de se abordar. Entender o poder como um conceito múltiplo e compreender que as formas de adquiri-lo e aumentá-lo mudaram muito ao longo das décadas, principalmente após a globalização e aproximação dos seres e Estados ao redor do globo. Entender as nuances e estratégias de um Estado para alcançar seus objetivos é algo advindo do entendimento profundo de sua cultura, economia e religião.

Criar e desmantelar alianças com os mais improváveis atores do sistema internacional, jogar um jogo de xadrez propriamente dito onde se anda as casas com determinados personagens com movimentos pré estabelecidos é algo visto por muitos no âmbito das relações internacionais. É preciso sempre lembrar que relacionamentos entre governos podem mudar inteiramente quando se muda o plano de fundo em que ocorre. Grandes aliados em guerras mundiais se tornam membros polarizadores de novas ordens mundiais. Apoio financeiro a um grupo, a fim de liquidar um inimigo em comum, pode levar no futuro a uma troca de lados e a criação e fomento de um novo inimigo. Casos inúmeros foram vistos ao longo da história e todos corroboram para entender que a dinâmica de poder é fluída e sempre favorece aos que se adaptam melhor e mais rapidamente às novas regras.

Com esse propósito, apresento o presente trabalho com intuito de começar a pincelar essas dinâmicas de poder. Entender como o conceito foi e é lido pelas principais correntes de estudiosos, abordar novas formas, sem o uso direto da violência, para alcançar o prestígio. Baseio-me no caso da Arábia Saudita e sua estratégia, entre outras, na qual usa de ideais religiosos para galgar terreno nos debates. Por fim, traço suas relações com os EUA e outras consequências como o fomento ao terrorismo saudita.

Palavras Chave: *Terrorismo, Islamismo, Arábia Saudita, África.*

1.INTRODUÇÃO:

A atenção se volta para Meca quando se procura o motivo da expansão alarmante do Wahabismo nos últimos anos. A vertente ideológica islâmica, responsável por embasar grupos terroristas como o ISIS, Talibã, Boko Haram e Al Shabab vêm crescendo e se tornando um problema tanto no cenário internacional, quanto dentro do próprio Islã. Segundo o reformista islâmico e presidente do Muslim Institute, Ziauddin Sadar, "Riad e os terroristas usam as mesmas leis".¹

A ascensão da Arábia Saudita no cenário global vem sendo cada vez mais questionada devido algumas de suas práticas para se tornar uma potência regional no Oriente Médio. Sua postura muitas das vezes pode ser considerada como agressiva e por vezes perpetuadora de conflitos. Um dos casos seria o fato de encabeçar a Coalizão Saudita como uma frente para combater o terrorismo, segundo a Saudi Press Agency (SPA), o objetivo da ação seria proteger seus integrantes "dos males de todos os grupos armados e organizações terroristas - seja qual for sua doutrina e título - que ampliaram os massacres e a corrupção no mundo e foram criadas para aterrorizar os inocentes". Por mais que no papel esses dizerem sejam louváveis, é sabido que a Coalizão a mando dos Saud tem realizado inúmeros ataques a civis no Iêmen, por exemplo, usando como justificativa a perseguição de terroristas. Segundo o jornal The Guardian em junho de 2018², houve ataques ao porto de Hodeida, dificultando a chegada de ajuda humanitária e em agosto do mesmo ano um ônibus foi atingido matando quarenta crianças iemenitas e onze adultos. Todos considerados legítimos pelos sauditas.

Para além de ataques diretos a outros Estados e envolvimento em conflitos, há uma outra forma da monarquia ser capaz de expandir sua influência. Por meio do ensino da vertente Sunita wahabista em madraças espalhadas pelo mundo. Assim, a Arábia Saudita aumenta seu poder no cenário global visto que é conhecida por ser o berço dessa linha do islã. Porém, esse braço do islã também é conhecido por ser o responsável por embasar grupos extremistas. O que torna o discurso da SPA descrito logo acima um tanto quanto controverso.

¹ Em entrevista para o jornal português o Público (2015) disponível em <https://www.publico.pt/2015/12/07/mundo/noticia/o-estado-islamico-sempre-existiu-e-a-arabia-saudita-1716649>

² Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2018/aug/19/us-supplied-bomb-that-killed-40-children-school-bus-yemen>

Como um exemplo real dessa ação e sua resposta crítica dos outros Estados: em 2015, o assassinato de 150 pessoas em uma escola de Peshawar, no nordeste do Paquistão, dentre essas 140 jovens e crianças, causou horror na capital do país. O ataque foi reivindicado por um grupo talibã Sunita, que causa milhares de mortes no país desde 2007. A capital Islamabad assumiu uma postura de tolerância zero com grupos islâmicos radicais e estabeleceu um rigoroso controle das escolas corânicas. Tais escolas, também conhecidas como madraças, como dito acima, estariam sendo alvos de críticas por estarem se tornando "fábricas" de extremistas. A Arábia Saudita é um antigo aliado dos paquistaneses, porém com as ondas extremistas, a monarquia tem sofrido desaprovação por ser a principal doadora dessas instituições. Em resposta a crítica que seriam os responsáveis da instabilidade do país, o primeiro ministro saudita afirmou que todas as doações para as escolas passam pelo crivo paquistanês.³

Os Saud também são alvos de críticas de seu também aliado, os norte-americanos. O senador democrata Chris Murphy, durante um evento realizado pela Brookings em 2016, acusou o governo saudita de disseminar a ideologia do Estado Islâmico do Iraque e da Síria em território Paquistanês⁴. O aumento do investimento dos Saud em madraças em todo o Oriente Médio e África causa preocupação nos Estados em geral, tanto no âmbito regional quanto no internacional. A vertente wahabita incita ódio contra mulheres, morte aos "infiéis" e hostilidade contra os não Sunitas.⁵

O comportamento da Arábia Saudita em financiar esses campos e madraças vai além da expansão da Jihad Whahabita e entra nos campos econômico e cultural, também conhecidos como *Soft Power*, poder brando. Conceito desenvolvido por Joseph Nye em seu livro *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. Para o teórico, o poder se configuraria como a capacidade de influenciar os outros. Na visão do autor, a melhor forma de fazer isso é atrair os outros atores a fazer o que você quer, isso terá gastos bem menores tanto em termos de capital quanto militares (NYE, 2004, p.34). Nesse aspecto, o aumento da influência saudita seria um meio mais sutil de expandir valores ideais e comportamentais travestidos de ideais religiosos.

³ Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/de-maneira-velada-paquistao-critica-arabia-saudita-por-financiamento-do-terrorismo-15406314>

⁴ Disponível em <https://www.brookings.edu/blog/brookings-now/2016/04/22/watch-sen-chris-murphy-on-revisiting-u-s-saudi-relationship/>

⁵ Disponível em <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,a-falsa-guerra-ao-terror-da-arabia-saudita,10000005714>

Os casos de ataques de grupos extremistas embasados por essa ideologia podem ser vistos em vários continentes atualmente, como é o caso do Iraque, Síria, Nigéria e o exemplo dado do Paquistão. Nesse contexto, a presente pesquisa visa entender de que forma o financiamento Saudita nas madraças pelo globo contribuem para a expansão da vertente radical do Islã. Será usado o grupo Boko Haram e sua atuação na Nigéria como estudo de caso para embasar o trabalho, assim como a teoria de Nye brevemente exposta acima como marco teórico da análise em busca de entender o movimento dos sauditas por influência.

Logo, o artigo visa uma melhor compreensão acerca do tema, visto que é pouco anunciado e muitas vezes velado na atualidade. Sendo um assunto tão importante e impactando a vida de inúmeras pessoas não se pode permitir que se mantenha periférico nas discussões acerca de segurança mundial apenas por ser uma pauta delicada e cercada de Estados influentes querendo ter seus interesses contemplados.

2.MARCO TEÓRICO DA ANÁLISE:

2.1. Poder nas principais teorias realistas de Relações Internacionais

Na concepção do realismo sobre a política internacional, o poder constitui a “Raison d’être” de um Estado. Hans Morgenthau foi o primeiro grande teórico que incluiu a importância do conceito de poder em suas discussões no campo das Relações Internacionais. Em seu livro, “Política entre as Nações”, o autor lista seis princípios do realismo político. Dentre estes, está que “A principal sinalização que ajuda o realismo político a situar-se em meio à paisagem da política internacional é o conceito de interesse definido em termos de poder” (MORGENTHAU, 1948, p.53). Os países são atores racionais que fazem cálculos de custo-benefício e que se guiam por seus interesses, que na visão realista, será de acumular poder para garantir a sobrevivência. Morgenthau separa a política em uma esfera autônoma, e nesta esfera, a política sempre irá buscar o poder, pois é o interesse político. É inerente à natureza humana a perpetuação do auto interesse e, apesar da definição de poder variar de acordo com o contexto, a busca pelo mesmo sempre se manterá constante.

Um ator pode ter influência sobre o outro, porém, se não houverem meios à sua disposição para impor sua vontade frente ao outro, não estará exercendo poder. Alguns destes meios, como mencionado anteriormente são o uso de autoridade, promessa de vantagens e ameaça de desvantagens. (MORGENTHAU, 1948, p.53)

Outro teórico que inseriu o conceito de poder nos debates foi Kenneth Waltz, um realista estrutural ou neorealista, pois sua abordagem era focada mais nos aspectos políticos, nas relações de poder e nos Estados, ou seja, na estrutura em si. Diferente de Morgenthau, Waltz, não se concentra nas questões morais e da natureza humana, no entanto, reafirma assuntos tradicionais do realismo e mostra que a busca pelo poder ainda seria uma característica do sistema internacional.

O papel do poder tem uma grande importância na teoria de Waltz. Para ele, o poder é um meio, e não um fim. Este poder seria então, uma forma de manutenção da capacidade do país, pois seria um jeito de os Estados garantirem sua própria sobrevivência. Logo, o objetivo central seria defender-se e para se chegar a isso se usa justamente o poder. É nessa tentativa de manutenção

de Poder que Waltz aborda o conceito de Balança de Poder, que seria quando Estados se unem para tentar fazer frente contra outro que começa a acumular muito poder (WALTZ, 1979, p.56). Logo, a Balança seria o comportamento induzido pelo sistema internacional, pois a preocupação central dos Estados não é maximizar seus ganhos e sim, em sua maioria, manter suas posições no sistema.

2.2. Liberalismo de Keohane

Robert Keohane é um importante teórico liberal, que em seu livro “*Power and Interdependence*”, escrito juntamente com Nye. De 1997, o livro traz um conceito novo de poder. Eles abordam um sistema internacional onde a estrutura não é o único fator relevante, mas também o processo de expansão da influência. Mesmo que um Estado fosse superior a outro militarmente, um ataque poderia trazer prejuízos (NYE,1997, p.25). Logo, o conceito tradicional de poder, de realistas como Morgenthau e Waltz, que diziam ser apenas um reflexo das capacidades militares, perde o protagonismo.

Desenvolvem o renomado conceito de Interdependência Complexa. Argumentam que com o aumento dos vínculos comerciais e de comunicação o mundo se torna mais conectado. Para eles, no mundo globalizado, pessoas e governos sofrem impacto do que ocorre em outros lugares. Há muitas formas de conexão entre sociedades além de relações intra-estatais, novos atores e problemáticas entram no cenário. Os autores não refutam o realismo apenas criam pressupostos nos quais a cooperação é mais possível. Esse movimento de expandir o guarda-chuva teórico faz com que conceitos como o Soft Power surjam no debate e com isso mude o que se pensa sobre poder e formas de implementá-lo.

2.3. O marco teórico: Soft Power

O poder é comumente definido como a habilidade de impor sua vontade sobre os outros. Na sociedade atual, pode ser exercido por meios políticos, econômicos, militares e culturais. Sendo essa última forma o objeto de análise do teórico de Relações Internacionais, Joseph Nye. O célebre termo cunhado por ele foi o *Soft Power* (Poder Brando) na década de 90, em seu livro "*Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*". Porém, foi em seu outro livro, "*Soft Power: The Means to Success in World Politics*" que o professor de Harvard elabora melhor o conceito. Segundo o pensador, o termo é como o clima: todos dependem dele, falam sobre ele mas poucos realmente o compreendem. (NYE,2004, p.01)

Na visão do autor, poder é a habilidade de influenciar o comportamento de outrem com o objetivo de conquistar aquilo que almeja. Há vários modos de afetar o comportamento das partes "Você pode coagi-los com ameaças. Você pode induzi-los com pagamentos, ou você pode atrai-los ou cooptá-los." (NYE,2004, p.05) No entanto, para medir o poder em termos de capacidade de mudar o comportamento de outros, é necessário conhecer previamente as preferências das partes. Se isso não for feito, há o risco de incorrer no erro e a influência evaporar no contexto.

A dificuldade de conhecer previamente as preferências pode levar a equívocos. Porém, se um ator acreditar que os objetivos do influente forem legítimos, o mesmo será capaz de persuadir sem o uso de ameaças e força bruta. Tal afirmação se relaciona com o conceito chave criado, o *Soft Power*.

Contrapondo-se ao conhecido *Hard Power*, o conceito de *Soft Power*, é uma forma de conseguir alcançar seus propósitos sem o uso de ameaças materiais, como meios belicosos. Baseia-se na capacidade de moldar as preferências dos outros através da atração e sedução. Em sua célebre definição, o poder econômico seria como cenouras, e o poder militar é representado por galhos. Em suas palavras:

O conceito básico de poder é a habilidade de influenciar outros a fazer o que você quer. Há três maneiras de se fazer isto: uma delas é ameaçá-los com galhos; a segunda é comprá-los com cenouras; e a terceira é atrai-los ou cooperar com ele para que queiram o mesmo que você. Se conseguir atraí-los a querer o que você quer, te custarão muito menos cenouras e galhos." (NYE,2004, p.06)

Ao apresentar essa nova face do conceito de poder, Nye, acaba por deixar de lado a força bruta como instrumento mais eficaz. Meios culturais e ideológicos ganham protagonismo. O sucesso do *Soft Power* depende em grande parte da reputação do ator no sistema internacional, e também do fluxo de informações entre partes. A globalização foi um fenômeno importante visto que aumentou a rapidez e a quantidade de informações entre os envolvidos dado que promove um crescimento dos canais de comunicação. Tanto esses canais quanto a mídia são conhecidas fontes de *Soft Power*, uma vez que são vias de propagação de informação e por sua vez influência. A explicação possui total conexão com as práticas da Arábia Saudita nos últimos anos. Inserida em um cenário altamente globalizado e se utilizando da religião (meio não belicoso) como forma de se manter nos debates.

Em suma, o conceito de poder ganha uma nova gama de significados após as interpretações de Nye. O exército ativo e militares dão lugar à mídia, meios de propagação de informação e cultura popular. Novas estratégias surgem em meio ao sistema globalizado. O intuito é atrair os outros atores a fazer o que você quer através da atração, isso terá gastos bem menores tanto em termos de capital quanto belicosos. Nas seções abaixo irei discutir o conceito apresentado relacionando-o com a postura Saudita a fim de atingir seus objetivos.

3. O ISLÃ SUNITA E O WAHABISMO:

3.1. O islamismo

O islã é uma das três grandes religiões monoteístas do mundo, em junção com o cristianismo e o judaísmo. Tendo como base a figura central do profeta Maomé (570- 632 d.C.) sendo este considerado o fundador do Islã. Ele nasceu em um período conhecido futuramente como *jahiliyyah* (cegueira e ignorância precedida pela revelação). Vive em Meca como mercador durante a primeira metade de sua vida e se casa com uma viúva rica. Quando tinha cerca de quarenta anos começa a receber visões que pressupunha ser de origem divina, recebe também a visita do Arcanjo Gabriel (Jibril) que o ordena ser o porta-voz das palavras de Deus (REBELLO, 2014).

Com a continuidade dos chamados a Maomé, os *muslimin* (submetidos, em árabe) começam a perturbar a ordem vigente de Meca e acabam sendo expulsos da cidade, a fuga conhecida como *hijira* marca o início do calendário islâmico e a chegada do profeta a Medina. De acordo com o historiador Peter Demant em seu livro “O mundo muçulmano”, ocorrem diversas lutas e os muçulmanos conseguem impor sua capacidade militar e com isso estruturaram Medina como a primeira comunidade sob as leis muçulmanas. Com os incessantes conflitos entre as tribos, Maomé se transformou “de pregador desprezado, em líder político e militar.”(DEMANT, 2014, p.26)

A religião muçumana é de extrema complexidade, porém é embasada por cinco pilares que a tornam o que é. Sendo esses pilares os seguintes: **Shahada**, conhecida como a declaração de fé em um único Deus e Maomé como seu único profeta, a frase *Allahu Akbar* se encaixa nesse pilar como forma de reforçar tal fé monoteísta; outra base é a **Salat**, reza realizada cinco vezes ao dia em direção a cidade santa de Meca, os fiéis são chamados pelos minaretes das mesquitas; **Zabat**, esmola, todos devem doar parte de sua renda para fins sociais para reforçar o sentimento de coletividade islâmica; **Ramadan**, devendo todo membro da religião jejuar e cumprir as práticas do mês do jejum para se purificar; por fim, temos o pilar **Haji**, peregrinação a Meca ao menos uma vez na vida caso tenha meios financeiros e de saúde para tal feito. (REBELLO, 2014, p58-59)

Além dessa breve contextualização da origem, é necessário explorar um pouco sobre a maior cisma da religião: a divisão dos fiéis em Xiitas e Sunitas. O entendimento desse movimento é essencial para explicarmos posteriormente sobre o Wahabismo e o Salafismo. Após a morte de Maomé em 632 d.C. a religião passou por um período de certa estabilidade e continuidade da herança deixada pelo profeta, tanto militar como ideológica. Essa união de todo povo muçulmano ocorre sob o domínio dos conhecidos califas “bem-guiados” (Abu, Umar e Uthman).

Desde a morte de Maomé os membros já se dividiam em dois principais caminhos, os que acreditam que o califa deve pertencer a linha sanguínea do fundador (Xiitas) e outros que qualquer fiel pode se candidatar (Sunitas). Como dito acima, os primeiros califas governaram sob certo consenso, mas ao chegar no quarto califa, Ali Ibn Talib, a fragmentação já estava muito profunda sendo incapaz de governar a todos (DEMANT, 2014, p.37-8). Ali foi assassinado e uma *fitna*, guerra civil, estourou entre os integrantes. Após certo tempo os ânimos baixaram e a maioria aceita a pacificação, no entanto, Hassan filho de Ali fez resistência e é morto, porém seus seguidores tomam força e formam o partido, facção de Ali (a Xia).

Os membros da Xia tinham a fé que o segundo filho de Ali, Hussein poderia os unir e assumir o califado. Em um massacre em Karbala a minoria Xiita foi dizimada e Hussein foi decapitado no Iraque (sua morte é até hoje lembrada por meio do ritual de *ashura* realizado pelos Xiitas). Assim, os Sunitas se tornam os seguidores da normalidade e tradição (*sunna*), se tornam “a ortodoxia conformista- o establishment”. E com isso a Xia se torna a seita opositora e contesta continuamente a legitimidade dos califas. Pedem insistentemente para que um descendente de Ali volte ao poder. (DEMANT, 2014, p.40) Como forma de ilustrar melhor a divisão, segundo fontes da BBC, os Xiitas são um décimo da população islâmica e são maioria no Irã, Iraque, Bahrein, Azerbaijão e, segundo algumas estimativas, Iêmen ⁶.

⁶ Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160104_diferencas_Sunitas_Xiitas_muçulmanos_lab

3.2. O Wahabismo e a monarquia Saud

Como descrito acima, após a cisão entre os dois maiores grupos do Islã, os Sunitas tomaram o lado do tradicional. Inclusive a alcunha Sunita advém de "*Ahl al-Sunna*", ou "as pessoas da tradição". Essa parcela se prende, portanto, às tradições, ações do profeta e seus dizeres, todos reunidos na *Sunna* que se constitui, para esse grupo, a segunda fonte da lei Islâmica depois do Alcorão. Em resumo, o Alcorão para os muçulmanos é a palavra de Deus, e a *Sunna* passa a ser os meios pelo quais o Maomé aplicou e ensinou o Islã. Seguindo esse caminho, explico agora a relação histórica entre o wahabismo e os sauditas, assim como os principais conceitos dessa vertente que se for levada ao extremo pode e de fato embasa grupos radicais atualmente como alguns já citados acima.

Segundo o autor Márcio Scalercio em seu livro "Oriente Médio: Uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver" de 2003, a aliança saudita com o wahabismo se remete ao século XVIII quando o pregador rigorista Muhammad Ibn Abdul Wahhab foi liberado a falar com o Emir Ibn Saud. O então nômade pregava que os muçulmanos haviam de voltar às crenças puras originais. Condenava o culto a pessoa do profeta ou qualquer homem que fizesse o canal de intermédio para o divino, proclamava uma luta aos infiéis Xiitas e até mesmo os Sunitas desviados. (SCALERCIO, 2003, p.53) Após chamar a atenção do Emir o profeta é convidado à se juntar a tribo em sua expansão pela península, dessa forma sempre que anexavam um novo território o mesmo deveria seguir os preceitos Wahabistas se tornando não só mais uma doutrina na região, mas sim a mais dominante e praticamente a única:

In 1800, nearly the entire Arabian Peninsula was under the sway of the first Saudi amirate, supporting and supported by religious scholars enthusiastically propagating the mission calling to proper observance of God's unity. For fifty years, the teachings of Muhammad ibn Abd al-Wahhab had polarized Arabia's Muslim scholars. The Saudi amirate had provided political backing and economic sustenance to Wahhabi religious scholars. (COMMINS, 2009, p.40)

Um conceito importante para detalhar melhor seria a *salafīyya* que é justamente o retorno a imitação da crença dos predecessores devotos da primeira geração. Logo, pode-se afirmar que todo wahabista é salafista, mesmo que o oposto não seja verdade. Para os fins desse artigo me atentarei apenas a primeira parte dessa frase, no qual todo credor do wahabismo almeja viver da forma como o Islã era vivido em sua origem. Mais abaixo debateremos como isso oferece margem para o fundamentalismo e grande resistência a secularização.

Outros historiadores também discorrem sobre esse tema, como é o caso de David Commins em seu livro “*The Wahhabi Mission and Saudi Arabia*” de 2009. Nele aponta que Ibn Wahhab declarou que o Islã estava se tornando uma idolatria e que a missão dos Wahabistas seria um movimento reformista das atuais práticas da religião para reviver as crenças puras e corretas do Islã, como visto acima eles muitas vezes preferem o rótulo de Salafistas. Porém, de acordo com o autor, os muçulmanos críticos consideram os integrantes desse grupo como parte de um movimento sectário, ou seja, uma forma pejorativa de denominá-los de seita, iniciada por um líder ambicioso e desorientado da península arábica. O atrito entre as partes é muito forte e pode ser entendido melhor com o trecho abaixo:

In his opinion [Ibn Wahhab], Muslims who disagreed with his definition of monotheism were not heretics, that is to say, misguided Muslims, but outside the pale of Islam altogether. Therefore, Wahhabi disputes with other Muslims are not comparable to those between Catholic and Protestant during the Reformation. (COMMINS, 2009, p.07)

4. ARÁBIA SAUDITA E O SEU JOGO DE PODER:

Havia *jihads*, mas tinham princípios éticos, eram lutas contra o colonialismo e o imperialismo, com regras claras, era proibido atacar civis, matar mulheres e crianças, matar prisioneiros. *Jihad* [guerra santa] não significa declarar guerra a toda a gente. Mas quando a Arábia Saudita se tornou uma petro-monarquia e começou a exportar a sua ideologia, tudo mudou. Os sauditas foram muito espertos, foram a todo o mundo construir mesquitas e madraças [escolas corânicas] e depois enviaram os seus imãs [quem lidera as orações], professores e livros. E incentivavam toda a gente a ir estudar em Meca e Medina. Conseguiram exportar o wahabismo para todo o mundo muçulmano.

Outra fala de Ziauddin Sadar para o jornal português *Público*, em 2016.⁷ Com o intuito de expor a sutil forma com a qual a monarquia saudita vem usando do Wahabismo como forma de expandir seu Soft Power por meio do ensino em escolas corânicas, inúmeros estudiosos e críticos como Hamid Algar, por exemplo, afirmam que o Wahabismo é friamente alimentado com os petrodólares sauditas (ALGAR,2002,p.48) Também de acordo com Algar:

The dead hand of Wahhabism has left nothing in place. With the exception of small, semi-clandestine teaching circles, all that is now to be found in Mecca and Medina are institutes for the propagation of Wahhabism, grotesquely mislabelled as universities. (ALGAR,2002, p.44)

Essa atitude não é recente e focada apenas nos casos do ISIS e Boko Haram, de acordo novamente com Márcio Scalécio em seu ensaio *Filhos da Jihad* (2010), na revista virtual Insight Inteligência. O investimento saudita em madraças nos campos de refugiados paquistaneses e extremismo do Talibã tanto no Afeganistão e quanto no Paquistão, por exemplo, remetem a períodos durante a invasão Soviética ao Afeganistão. Parte da população, fugida da guerra, se estabelece em campos de refugiados no Paquistão. O número de pessoas é estimado entre um a dois milhões de pessoas. Essas áreas recebiam ajudas de ONGs, da ONU e governos doadores.

Longe de suas casas e famílias, as crianças pashtun, grupo tribal de maior número no Afeganistão, que se encontravam nos campos, eram submetidas ao ensino das madraças financiadas pela monarquia Saudita. No lugar das tradições tribais passadas de mãe para filhos, os jovens aprendiam a vertente Wahabita do Islã, ideologia seguida pelos Sauds e seu país. Essa

⁷ Disponível em <https://www.publico.pt/2015/12/07/mundo/noticia/o-estado-islamico-sempre-existiu-e-a-arabia-saudita-1716649>

relação é lógica, uma vez que a Arábia Saudita financia tais escolas corânicas, e estas ensinam a religião oficial do país provedor de capital. (SCALERCIO, 2010)

A história passada no século XX se repete atualmente com a guerra civil Síria. O conflito acarretou no aumento de refugiados que migraram para diversas áreas do Oriente Médio, sendo um dos destinos, o Paquistão. Também vemos esse cenário em países africanos como o caso da Nigéria detalhado em outra seção adiante.

5. RELAÇÃO EUA E ARÁBIA SAUDITA:

Um dos principais motivos pelos quais o assunto acerca do apoio indireto da Arábia Saudita ao terrorismo ser tão velado no sistema internacional se deve à aliança entre o país do Oriente Médio e a potência norte americana: Estados Unidos. Sendo um dos principais parceiros dos EUA no território, a península da Arábia Saudita acaba por se beneficiar de ter esse assunto camuflado e fora dos principais fóruns internacionais.

A aliança entre os dois países data da primeira metade do século XX, tendo como precursor o interesse norte americano nas fartas reservas petrolíferas presentes nas terras da monarquia Saud e em troca o interesse saudita em receber segurança e apoio de um Estado em vias de se tornar uma potência mundial. Logo após a criação oficial do país, sendo os EUA um dos primeiros Estados a reconhecer o território oficialmente, o rei saudita da época oferece aos EUA a concessão para a COSAC (California Arabian Standanrd Oil Company) explorar reservas de petróleo no país. De início, os EUA não viam o território com grande interesse e prioridade, havendo apenas pouca extração e movimentação, porém como o início da Segunda Guerra Mundial, o petróleo saudita mudou de perspectiva para os americanos e se tornou de suma importância. Em termos políticos e financeiros, essa parceria até hoje rende proporções homéricas.

Tempos após à concessão, devido ao maior interesse dos EUA com o petróleo, a companhia é renomeada como ARAMCO (Arabian American Oil Company). Atualmente, com o nome Saudi ARAMCO a empresa é propriedade estatal saudita e é considerada a maior do mundo no que tange reservas na produção deste combustível. No ano de 2019, a empresa foi responsável pelo maior IPO da história das bolsas, conseguindo se tornar, na época, a empresa mais bem avaliada do mundo, superando em termos de comparação a Apple.

Um novo ponto de convergência que levou ao fortalecimento das relações entre os dois governos foi a construção da base militar aérea de Dhahran. O aeroporto, criado em 1945, sendo o primeiro do país, foi fruto de um acordo entre Franklin D. Roosevelt e o Rei Abdulaziz quando estavam a bordo do navio USS Murphy. A base militar foi operada pelos norte americanos de 1945 a 1962. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Golfo Pérsico e a Península Arábica foram importantes rotas de embarque e desembarque para os EUA, com objetivos como: fornecer assistência à União Soviética, além de apoiar às forças aliadas que combatiam as forças imperiais japonesas na Ásia, ou seja, um rota extremamente estratégica.

A cooperação militar entre os dois países, no entanto, só se firmou de fato no ano de 1952 com a assinatura do Tratado de Defesa Mútua. O principal objetivo nesse momento é, como já expresse acima, a posição estratégica da península no Oriente Médio. O pano de fundo da Guerra Fria e necessidade de conter a expansão do comunismo nos países árabes torna fundamental essa aliança para os estadunidenses. Como parte do plano, houve o reforço financeiro e militar às forças armadas nacionais além de treinamentos.

Outro acontecimento no qual a aliança entre os dois países foi importante e gerou ganhos mútuos foi na Guerra do Golfo. A investida dos EUA contra o Iraque, em 1991, devido a invasão do Kuwait pelos iraquianos, no ano anterior, se tornou um dos conflitos mais conhecidos e debatidos no sistema internacional. Novamente é possível ver a importância da península entre os aliados americanos: como base militar e aliado contra intervenções estrangeiras (que não fossem as estadunidenses) na região. Em meio a Guerra Fria, os EUA não poderiam permitir que o conflito regional seguisse sem sua participação e assim reduzir as chances de um novo episódio como a invasão russa no Afeganistão e manter suas áreas de interesse intactas e protegidas.

Após a intenção de anexação do Kuwait, ataques verbais e ameaças por parte dos iraquianos e seu líder, Saddam Hussein, os EUA começam a se preocupar com a integridade do território saudita devido sua proximidade fronteiriça com as áreas em conflito. O Iraque possuía um discurso muito específico contra os sauditas: a monarquia os havia apoiado militar e financeiramente (contra os Xiitas iranianos) na guerra Irã- Iraque. Com o final desta guerra, os iraquianos não se sentiam na obrigação de pagar de volta o apoio recebido, pois já haviam feito um favor de lutar contra o inimigo Xiita comum: Irã.

Além disso, Saddam argumentava que o governo saudita, apoiado pelos americanos, era o guardião ilegítimo e não digno das cidades sagradas de Meca e Medina. Tal linha de raciocínio se parece com a usada pelos iranianos para se referir também aos sauditas, mostrando como os lados e interesses mudam conforme o contexto e ameaça do momento. Baseando-se em preceitos da Doutrina Carter, os EUA lançam uma missão conhecida como “Escudo do Deserto” afim de proteger os parceiros de um ataque de Bagdá. De maneira resumida, a Doutrina Carter era a política proclamada pelo Presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, em seu Discurso sobre o Estado da União, de 1980, em que afirmava que os EUA usariam força militar, se necessário, para defender seus interesses nacionais no Golfo Pérsico. Foi uma resposta direta a já citada

intervenção da União Soviética no Afeganistão, em 1979, e pretendia impedir a busca de mais expansão e futura hegemonia da URSS na região do Golfo.

A operação Escudo do Deserto, portanto, culmina no desembarque de inúmeros caças, couraçados e porta aviões. O número de militares em solo foi aumentando, chegando a 543.000 soldados, curiosamente um número duas vezes maior que o usado na invasão do Iraque em 2003. Com a falha no objetivo e posterior anexação do Kuwait pelos iraquianos a nova operação, agora em fase de combate, recebe o nome de Tempestade de Areia. Nesta, forças da coalizão de 35 nações, lideradas pelos Estados Unidos fazem frente ao Iraque em resposta a sua tentativa de expansão e anexação indo contra os artigos previstos na ONU.

As relações foram abaladas no início do século após o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001. Após a liberação da notícia que 15 dos 19 perpetradores do ataque serem sauditas, as relações começam a estremecer. Estabelecem a Al Qaeda como responsável pelo ataque, e assim retiram a responsabilidade do Iraque e Irã. Reconhecem também o paradeiro de Bin Laden, no Afeganistão, junto dos Talibãs. Fontes oficiais argumentam que não “havia provas de que o governo saudita, na condição de instituição, ou que oficiais sauditas de alto escalão, na condição de indivíduos” estariam envolvidos no ataque.⁸ No entanto, a opinião pública debatia a criação dos sauditas envolvidos na ideologia mais extrema do islã, o wahabismo, e isso não poderia ser desconectado do que era pregado oficialmente pela monarquia Saud. O próprio atual presidente norte americano, Donald Trump, na época culpabilizou os sauditas por parte do ato. No entanto, como as relações estratégicas, como o próprio nome diz, são de extrema importância, nem mesmo esse episódio foi capaz de cortar os laços. Inclusive, na primeira viagem oficial como líder do país Trump escolhe Riad como destino.

Por fim, um último episódio acerca dessa aliança: o apoio dos EUA à Coalizão liderada pela Arábia Saudita atuante no Iêmen. Esse apoio pode ser visto desde decisões sobre o conflito na comunidade internacional até principalmente a venda de armamentos para fomentar o conflito na região. Além do conflito existente em forma de guerra civil para disputar a legitimidade do governo iemita, há também a presença da Al Qaeda e células do Estado Islâmico. As duas frentes envolvidas são, de um lado, a Coalizão liderada pelos sauditas e apoiada pelos Estados Unidos defendendo o governo deposto, e de outro lado a milícia Houthi,

⁸ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/le-monde/2016/05/07/misterio-do-envolvimento-saudita-no-11-de-setembro-esta-prestes-a-ser-desvendado.htm>

que tem apoio do Irã, que hoje controla Saná (a capital). O cenário visto no Iêmen é claro: inúmeras potências usando de um conflito regional para alcançar seus interesses.

O episódio torna-se ainda mais sangrento e polêmico devido a perda de vidas inocentes e uso de armas proibidas pelas leis internacionais. Inúmeros são os ataques que levam a morte de civis devido a não distinção entre combatentes. Um dos casos foi o ataque da Coalizão a um mercado em Harez no qual 33 civis foram mortos e 67 ficaram feridos.⁹

Um adendo dentro dessa temática evidencia que, em 2015, o Brasil foi alvo de polêmicas envolvendo a venda de armas para apoio a Coalizão Saudita no conflito. Cerca de cem países já aboliram o uso, fabricação e venda destes materiais porém até o ano em questão nem os EUA, Arábia Saudita e Brasil fazem parte dessa lista.¹⁰ Philip Luther, diretor da Anistia Internacional no Oriente Médio e Norte da África, argumenta sobre o conflito e uso de armamento brasileiro pela Coalizão, em suas palavras:

“In addition to killing and injuring civilians when they are initially used, many submunitions fail to explode upon impact and continue to pose a risk to the lives of anyone who comes into contact with them for years. The Saudi Arabia-led coalition must immediately cease their use and all sides should publicly commit never to deploy cluster munitions and agree to join the global Convention on Cluster Munitions”¹¹

⁹ Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/05/internacional/1436126786_214879.html

¹⁰ Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/opinion/1447441086_369498.html

¹¹ Disponível em <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2015/10/yemen-brazilian-cluster-munitions-suspected-in-saudi-arabia-led-coalition-attack/>

6. ESTUDO DE CASO DO CONFLITO NA NIGÉRIA:

6.1 O islã e o fundamentalismo na África

Depois do Oriente Médio, Índia e Sudeste asiático, a África encontra-se também como um espaço parcialmente constituído por influência islâmica. Esse movimento ocorreu muito mais devido a difusão do comércio, migração e influência de professores do que por imposição militar (como ocorreu fortemente no oriente Médio em geral). A expansão ocorre para três direções: do Magreb até atravessar o Saara e alcançar a **África Ocidental**; rio Nilo acima para **África setentrional** ; e por fim, mercadores do Iêmen e Omã além de imigrantes formam comunidades na **África Oriental**. (DEMANT, 2014, p.73-76) Muito se dá, portanto, das conquistas árabes na região do Marrocos e a conversão dos berberes para o monoteísmo islâmico.

Devido ao fato de alguns reis africanos terem se convertido a religião, fez com que o ideal se firmasse ainda mais. Mercadores árabes atravessaram o Oceano Índico e se firmaram no Chifre da África (hoje Somália) até o que se constitui Moçambique atualmente. De acordo com Demant “Nas vésperas da colonização europeia, o islã constitui a principal presença “importada” no continente negro- uma presença, contudo, já fortemente integrada nas sociedades africanas nativas.” (DEMANT, 2014, p.79)

Com a invasão europeia e o pesado comércio de escravos para as “novas terras”, inclusive muitos sendo muçulmanos e com isso instalando núcleos da religião em nosso continente. É interessante observar como o sincretismo do islã com as religiões politeístas locais ocorrem para a sobrevivência da prática. Espíritos pagãos foram adequados a *jinn*s islâmicos entre outras formas de mistura. No entanto, quando mesquitas e escolas corânicas foram fortemente instauradas nas regiões se fez mais pressão para a prática ortodoxa da crença.” (DEMANT, 2014, p.142)

Devido a situação supracitada, diversos Estados realmente puritanos começam a emergir havendo uma militância bem mais profunda para as crenças basilares do islã. Por exemplo, a *jihad* do líder Uthman Dan Fodio em 1804 estabelece um emirado puritano de Sokoto, atual Nigéria. Califado esse, que se manteve durante grande parte da colônia e atualmente o Califa de Sokoto ainda é um dos principais líderes religiosos da Nigéria moderna e a posição ainda é

mantida por descendentes de Dan Fodio. Assim, podemos ver as origens de um movimento fundamentalista já no século XIX.

Brevemente, a entrada dos colonizadores instaurou o catolicismo na região ocorrendo o mesmo movimento observado no Brasil, com perseguições, proibições de ritos locais. Situação que reverte a força dos Estados Islâmicos Soberanos que com o passar dos anos e posterior independência destes criam sociedades dívidas entre cristãos e muçulmanos sendo assim *locus* de crises. A Nigéria é um exemplo dessa cisão religiosa onde a maioria no norte é muçulmana e o sul cristã (sendo essa religião fortemente alvo de perseguições).

Atualmente, os principais grupos terroristas Sunitas Wahabistas Salafistas em atuação no continente seriam o **Al Shabab** na Somália e Quênia; a **Al-Qaeda do Magreb** atuando majoritariamente na Líbia, Argélia, Marrocos e Mauritânia; e por fim, o alvo da pesquisa o **Boko Haram** atuante na Nigéria.¹²

6.2. Boko Haram: origem, práticas e impactos

O grupo em questão, é constituído por uma seita muçulmana que acredita que a Nigéria foi tomada por um grupo de falsos muçulmanos (UNITED STATES INSTITUTE OF PEACE - WALKER, 2012, p.45). Essa retórica se encaixa bem com o já falado Wahabismo, portanto é natural e correto incluir esse grupo também nesses praticantes. Como os demais grupos que seguem esse viés, eles desejam que o país seja dominado pelo puro Islã e siga os preceitos da *Sharia*. Constituem-se em um grupo de alto padrão que realiza periodicamente ataques a igrejas, mercados, bancos, shopping e outros complexos urbanos majoritariamente no norte da Nigéria.

De acordo com Walker, repórter que viveu no território e fez relatórios sobre a situação, o grupo não funciona da mesma forma que as jihads da Al-Qaeda do Magreb e o Al-Shabab na Somália porque fora o ataque a tropas das Nações Unidas em Abuja no ano de 2011 os membros não atacam o Ocidente em si e mantêm ações localmente (UNITED STATES INSTITUTE OF PEACE -WALKER, 2012, p.7). Mesmo não praticando atos diretos, o próprio nome Boko

¹² Disponível em https://br.sputniknews.com/oriente_medio_africa/2018121412908895-crime-terrorismo-africa-interpol/

Haram (BH) significa “A educação Ocidental é diabólica/pecaminosa”. Indo na linha que todos as escolas deveriam, portanto, abandonar as práticas ocidentais e ensinar o verdadeiro islã. (AGHEDO, I.; OSUMAH , 2012,p. 857)

Autores sobre o tema, como Aguebo e Osumah (2012) discorrem em seu artigo, entre outras coisas, o fato de o grupo ter se aproveitado do vácuo de poder na região, que está vivendo uma Guerra Civil há anos e não goza de um governo legítimo, para se firmar e crescer. Tal fenômeno é corriqueiro no continente africano e será melhor debatido abaixo.

De acordo com autores acima, lideranças fracas como a do território, seriam a raiz da negligência das prioridades populacionais no que tange segurança, e devido a essas privações muitas pessoas desesperadas acabam optando pela criminalidade e terrorismo como forma de sobrevivência. (AGHEDO, I.; OSUMAH , 2012,p. 856-8)

Além disso, devido ao fato do BH não se constituir um grupo monolítico, sendo formado de fato por alguns muçulmanos querendo pregar a *Sharia*, mas também por parcelas populacionais que destroem o país por motivos próprios. Isso faz com que seja difícil entender as queixas e com isso o diálogo e possíveis resoluções se tornam rarefeitas. (AGHEDO, I.; OSUMAH , 2012, p. 859).

Essa dificuldade de entender de fato o projeto e desejos do grupo advém de muitos fatores: como a dificuldade de encontrar e verificar informações acerca dos atentados. Sendo altamente dependente do governo da Nigéria e sua polícia que muitas vezes é permeada por corrupção e incompetência. (UNITED STATES INSTITUTE OF PEACE - WALKER, 2012)

Walker também compartilha da visão de Aguebo e Osumah (2012, p.89) na questão de quem perpetuaria os ataques de fato. Segundo eles “*There are some attacks ascribed to Boko Haram that could easily be the work of armed robbers operating under the mask of the group. Political rivals could also be using the cover of Boko Haram to settle scores and carry out assassinations*”. Dessa forma, é possível inferir que as falhas e fraquezas inerentes ao governo local e ao Estado nigeriano em geral acabam por moldar o BH na forma que ele existe atualmente. Molde no qual não se vê apenas questões religiosas radicais, mas também de política ineficiente e falta de instituições fortes. Na próxima seção será discorrido o que o governo pode e tem feito para acabar com essa problemática.

Porém, no que tange as ações e impactos do grupo no território, essas são de um alto teor de violência e vão desde ataques a bombas contra civis ao sequestro de centenas de nigerianas vendidas como escravas. Seguindo a crença da educação ocidental como sendo pecaminosa, o grupo realiza diversos raptos a meninas dentro das escolas.¹³ Fazem porque além de descreer dos ensinamentos ainda repudiam a educação feminina, já que de acordo com a Sharia a mulher deveria estar em casa cuidando da família e dos maridos.

Essa prática teria começado em 2013 e até hoje se mantém. Essas reféns seriam vendidas como escravas sexuais e para realizar tarefas “do lar”. O alvo é impedir a educação feminina nas escolas cristãs e muçulmanas. A situação mais marcante foi a de Chibok onde 276 meninas foram levadas de uma só vez.¹⁴ De acordo com dados da Unicef, cerca de 1.000 crianças já foram sequestradas pelo grupo desde 2013, em adição cerca de 2.295 professores já foram assassinados e 1.400 escolas destruídas¹⁵ (dessas, poucas foram reabertas, devido ao enorme dano físico e insegurança de novos ataques).

Além disso, em janeiro 2015, diversos bombardeios no vilarejo de Baga teriam sido supostamente realizados pelo grupo Boko Haram. Houve centenas de mortos e cerca de 2.000 pessoas desaparecidas. De acordo com Ahmed Zann, senador pelo estado Borno, a NBC “*These towns are just gone, burned down*” e “*The whole area is covered in bodies*”.¹⁶ A lista de atrocidades é extensa e deixa inúmeros mortos a cada “pequeno” ataque realizado em diversos vilarejos, graves feridos e destruição física no país já tão assolado. É, portanto, imprescindível haver medidas práticas para interromper essa matança.

Como descrito acima, a vertente que embasa esses radicais tem origem e patrocínio Saudita em todo o mundo. Os membros mais influentes teriam recebido ensinamentos “filosóficos” Wahabistas advindo da península e com isso realizando esses atos. Pode-se dizer que o Boko Haram faz parte da missão saudita de expandir o wahabismo e modificar a forma como o islã vem sendo praticado e enxergado pelos Estados soberanos e outros atores. É importante salientar a importância da Nigéria para países petro-exportadores como é o caso da Arábia Saudita devido suas reservas de petróleo.

¹³ Disponível em <https://edition.cnn.com/2014/04/24/world/africa/nigeria-kidnapping-answers/>

¹⁴ Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/boko-haram-ja-capturou-mais-de-mil-criancas-em-quatro-anos-na-nigeria-22586075>

¹⁵ Disponível em <https://www.unicef.org/wca/press-releases/more-1000-children-northeastern-nigeria-abducted-boko-haram-2013>

¹⁶ Disponível em <https://www.nbcnews.com/storyline/missing-nigeria-schoolgirls/boko-haram-torches-nigerian-town-baga-2-000-missing-senator-n282291>

Além disso, os interesses da monarquia na região também espelham sua inimizade com o Irã. Como a parcela de Xiitas vem aumentando em territórios africanos, incluindo o nigeriano, os sauditas tentam fazer frente através dos ensinamentos Sunitas na região. É abertamente sabido das intenções iranianas de aumentar suas boas relações com outros Estados para confrontar os sauditas.¹⁷ Muitas vezes se usam da religião para isso também, criando grupos Xiitas que apoiam o governo do Aiatolá.

O embaixador iranianiano na Nigéria, Morteza Rahimi Zarchi, pronunciou *“Islamic Republic of Iran is willing strongly to expand relations with Africa, and Nigeria, in particular, as an important member of the African Union and largest country in West Africa,”* e também *“Mutual and international cooperation between Iran and Nigeria had advanced positively. For instance, Iranian companies participated in the International Trade fair in Lagos and they will also be going to participate in Kaduna Trade Fair soon”*.¹⁸ Essa última afirmação salienta uma união também no escopo econômico.

Exatamente devido a essa aproximação iraniana, as atenções sauditas para a região aumentam e o investimento em ensino religioso e outras formas de manter sua influência se intensificam.

¹⁷ Disponível em <http://www.trt.net.tr/portuguese/programas/2017/10/26/a-competicao-entre-a-arabia-saudita-e-o-irao-alarga-se-do-medio-orientado-tambem-para-africa-833931>

¹⁸ Disponível em <https://sunnewsonline.com/iran-keen-to-expand-relations-with-africa-nigeria/>

6.3 Cenário atual do país e sua resposta ao terrorismo

Caraterísticas do governo nigeriano acabam por tornar o diálogo e enfrentamento do grupo terrorista ainda mais difícil. As fraquezas do governo expõem falhas em sua polícia e outras instituições. Logo, o BH cresceu em um momento com inúmeros problemas nacionais que alimentaram grupo de raiva contra todos nesse cenário. (UNITED STATES INSTITUTE OF PEACE - WALKER, 2012, p.19). Para tornar a situação ainda mais complexa, como as queixas do grupo não são devidamente entendidas, complica a aplicação de medidas tanto coercitivas como de diálogo.

A forma como o governo tem se portado também não colabora para a situação de acordo com John Campbell *“The government’s seemingly indiscriminate killing of alleged Boko Haram members and many others who were simply in the wrong place at the wrong time appears to be a driver of popular support for or acquiescence to Boko Haram.”* (NOWEGAIN PEACEBUILDING RESOURCE CENTRE, 2014, p.3) Deve haver outras formas de lidar com a situação.

Para Aguebo e Osumah (2012. p.854-860) , ações como anistia para os terroristas se torna uma tarefa difícil. Em seu texto, citam o caso nigeriano de anistiar os militantes do Delta do Rio Níger como um possível movimento para/com os terroristas. Mas a dificuldade estaria exatamente na diferença das queixas desses dois grupos. De acordo com uma pesquisa realizada com acadêmicos, jornalistas, políticos e operadores de segurança de quatro capitais no Norte do país cerca de 46% acreditam na possibilidade de diálogo como forma de combater efetivamente o levante; 38% anistia; 76% aumentar a segurança; 90% com a diminuição da pobreza.

O último dado corrobora, portanto, com o que fora dito acerca da necessidade de melhorar as instituições e prover para a população suas necessidades básicas visando reduzir o ingresso a esses grupos como forma de retaliar um governo omissivo. Essa maneira de agir seria, portanto, uma forma de resolver o problema em sua raiz, ao invés de simplesmente usar de violência como forma paliativa.

7. CONCLUSÃO:

Para sintetizar todas as informações acima demonstradas o jogo de influência realizado pela Arábia Saudita dentro da religião islâmica como forma de angariar mais poder para si e se tornar um Estado ainda mais importante na comunidade internacional. É preciso saber até que ponto essa estratégia existe para satisfazer o desejo saudita de ir além de uma potência petro-exportadora ou se também está intimamente conectada com crenças religiosas. Além disso, deve-se salientar a disputa com o Irã e a tentativa de minar o aumento de parceiros do país Xiita, considerado abertamente inimigo da monarquia.

Para além das questões geopolíticas pode-se avaliar o impacto dessa estratégia na Nigéria e como esse Estado, após falhar em diversas situações, se tornou um ambiente fértil para ascensão de um grupo terrorista que segue os preceitos disseminados pela península. É preciso haver mudanças estruturais no país africano para minar a pobreza e com isso diminuir o ingresso da população a esse grupo. Esse alistamento de sua própria população, é derivado da raiva de um governo corrupto e fraco que não oferece o básico a seu povo, sendo esse compelido a lutar e assim se vingar por meio dessas organizações.

Deve-se, portanto, haver um questionamento sobre até que ponto os sauditas têm responsabilidade e estão conscientes de seus atos, mas seja qual for a resposta é necessário haver uma forma de repensar essa vertente islâmica assim como corrigir as falhas de Estados potenciais *locus* para impedir o surgimento e perpetuação desses atos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALGAR, H. **Wahhabism: a critical essay**. 1st ed. Oneonta (N.Y.): Islamic publications International, 2002.

AGHEDO, I.; OSUMAH, O. **The Boko Haram Uprising: how should Nigeria respond?**, *Third World Quarterly*, 33:5, 853-869, 2012.

COMMINS, D. **The Wahhabi mission and Saudi Arabia**. 1st ed. London: I.B. Tauris, 2009.

DEMANT, P. **O mundo muçulmano** . 3rd ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. **Power and interdependence: The world politics in Transition**. Boston, Little, Brown, 1997.

MORGENTHAU, H. **Politics among nations**. New York: Knopf, 1948.

MOURA REBELLO, D. **Israel X Palestina: A história de uma Terra Santa**. 1st ed. Giostri p.50, 2014.

NOWEGAIN PEACEBUILDING RESOURCE CENTRE. **Boko Haram: origins, challenges and responses**. Norway: [s.n.], 2014.

NYE, Joseph S.: **Soft power: The means to success in world politics**. 1 ed. New York: PublicAffairs, 2004.

SCALERCIO, Marcio. **Oriente Médio**. 1st ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

SCALÉRCIO, Márcio. **Os filhos da jihad. Insight inteligência**, São paulo, v. 51, p. R48-60, out./dez. 2010.

UNITED STATES INSTITUTE OF PEACE- WALKER A.: **What is Boko Haram?**. Washington DC: [s.n.], 2012.

WALTZ, Kenneth. **Teoria da Política Internacional**. Lisboa:Gradiva, passim, 1979.